

**TORNAR-SE ORNAMENTO INDISPENSÁVEL: A VAIDADE EM MACHADO DE ASSIS E MATIAS AIRES**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mannuella Luz de Oliveira Valinhas  
Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

**Resumo:** Em “Teoria do Medalhão” (1881), de Machado de Assis, podem ser percebidos ecos dos argumentos utilizados na “Carta sobre a fortuna” do filósofo Matias Aires (1786). Neste trabalho pretendemos analisar a maneira como, em ambos os textos, a vaidade é pensada como a paixão que governa o mundo. Nos dois casos percebe-se que a vaidade é a responsável pela conquista do lugar social por meio da adequação ao convencional, tornando-se, assim, a ferramenta fundamental que garante o funcionamento do teatro do mundo, com todos cumprindo seus papéis. Machado em sua sátira recupera as referências de Matias Aires em relação à “visão de mundo” pessimista (o olhar “desenganado” para a sociedade) e à importância da “busca da glória” como meio da afirmação do lugar primordial ocupado pela vaidade entre os homens.

**Palavras-chave:** Vaidade, Machado de Assis, Matias Aires

**Abstract:** In “Teoria do Medalhão” (1881), by Machado de Assis, we can notice echoes of arguments used by the philosopher Matias Aires in “Carta sobre a Fortuna” (1786). In this article, we intend to analyze how, in both texts, vanity is thought as the passion which rules the world. In both cases, vanity leads to achievement of social place, by suiting to convention, becoming thus the essential tool which ensures that world’s theatre works, with everyone playing their roles. In his satire, Machado brings references from Matias Aires regarding to pessimist “world view” (the “disillusioned” sight to society) and to importance of “seeking for glory” as way of assertion of the primordial place taken by vanity among the human beings.

**Keywords:** Vanity. Matias Aires, Machado de Assis.

"Você acha tão grave que a vaidade humana e o gosto pelo mundano sejam tão grandes assim? Que se faça uma pequena tentativa de assassinato pelo prazer de ir dançar? Imagine se essas duas poderosas alavancas da civilização desaparecessem, o que aconteceria com você? em pouco tempo você seria um lixo, coberto de piolhos, logo estaria cortando a carne com as próprias mãos e comeria cruas as cenouras arrancadas diretamente da terra; você não se lavaria mais e usaria os dedos ou a língua como lenço." George Grodeck

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

“Meu amigo e Senhor: agradeço a V. M. o desejo que me mostra de que eu tenha maior fortuna; não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna que tenho é a mesma que devo ter (...)”<sup>1</sup>: assim começa a “*Carta sobre a Fortuna*”, um texto do filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça. Trata-se da resposta a um amigo que lamenta o fato de Matias Aires não ter sido agraciado pela fortuna, e foi publicada em 1778 como um apêndice às “*Reflexões sobre a vaidade dos homens*”, e desde então acompanha as edições das “*Reflexões...*”. Nesse pequeno tratado sobre a fortuna, Matias Aires expõe sua teoria de como e porque algumas pessoas são afortunadas e outras não; ou porque algumas são mais afortunadas que outras. Se a fortuna e sua ausência (no caso do autor) é o assunto principal da carta, Matias Aires não deixa de estabelecer as relações entre a fortuna e os comportamentos dos homens, e o que os faria serem mais ou menos afortunados.

Pode-se dizer que a carta traduz o estado de espírito de Matias Aires quando ele já havia se retirado do convívio social; seu tom não é o de lamuria, mas o de aceitação. Não tendo (mais) gosto pela vida, tem pouco a temer com a morte. A situação em que se encontra o autor não é de tristeza e nem felicidade: se a retirada do mundo lhe valeu a ausência de sofrimento, valeu também a ausência de felicidade, já que quem nada espera não tem tristezas e nem alegrias.

“*Teoria do Medalhão*”, de Joaquim Maria Machado de Assis, por sua vez, faz parte do volume “*Papéis Avulsos*”, (1882); trata-se de um diálogo entre pai e filho no dia do aniversário de 22 anos deste último. Neste diálogo o pai oferece conselhos imprescindíveis para que se possa sobressair na vida. O desenvolvimento do argumento da “*Teoria do Medalhão*” apoia-se na ideia de que para ser um perfeito medalhão é preciso investir cada vez mais na *aparência* e no *controle* da maneira de impressionar os outros.

O conto faz parte do que Alfredo Bosi chamou de “contos teoria”,<sup>2</sup> e, no que se refere à temática, ainda de acordo com a classificação de Bosi, esse conto

---

<sup>1</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 193.

<sup>2</sup> ALFREDO BOSI, p. 83, 1999.

integrada, ao lado de “*Sereníssima Republica*” e “*O segredo do Bonzo*”, (todos contos de “*Papéis Avulsos*”), a “trilogia da aparência dominante”: são contos em que a aparência é a essência do sujeito. Num passo que nos interessa particularmente, Alfredo Bosi atribui o olhar desenganado machadiano às influências da leitura dos moralistas seis-setecentistas. A vinculação de algumas ideias expostas por Machado à leitura dos moralistas não é de maneira alguma privilégio de Bosi, Raymundo Faoro e outros comentaristas da obra de Machado de Assis já apontavam tais referências. No conto “*Teoria do Medalhão*” isso fica mais óbvio dada a referência direta a La Rochefocauld na passagem: “o sábio que disse: ‘a gravidade é um mistério do corpo’, definiu a compostura do medalhão”.<sup>3</sup>

### **1. Machado de Assis e Matias Aires: aproximações temáticas**

Nesse artigo estabelecemos dois grandes eixos aproximativos entre “*Carta sobre a Fortuna*” e “*Teoria do Medalhão*”: a importância atribuída ao universo exterior e ao bom manejo da figura pública e a constatação de que a verdade é decepcionante.

Segundo a argumentação de Faoro<sup>4</sup> é enorme a importância atribuída à “vida exterior” na obra de Machado de Assis: a vida exterior chegaria até a ameaçar e anular a possibilidade de uma vida “autêntica”. Ao sucumbir completamente àquilo que seria específico do exterior, o perfeito homem social teria sua vida interior anulada. Dentro deste quadro, o prestígio social é tanto maior quanto maior e melhor for a capacidade do sujeito em manipular os instrumentos de comunicação; nas palavras de Luiz Costa Lima, “a nomeada é a meta, o domínio da representação social, seu meio”.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 87. A passagem de La Rochefocauld é a máxima número 257: “A circunspeção é um mistério do corpo inventado para ocultar os defeitos do espírito”. LA ROCHEFOCAULD, 1962, p. 76.

<sup>4</sup> “O homem que vê não está isolado, mas imerso no grupo, preformado pela conduta e pelo pensamento dos outros.” FAORO, 1988, p. 478.

<sup>5</sup> COSTA LIMA, 1981, p. 70

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

O desenvolvimento e o funcionamento sociais são assegurados pela necessidade de distinção entre os homens. Tal necessidade é efeito da vaidade, da vontade se destacar em meio aos outros. Ser “engolido pela obscuridade”, ou seja, não ter destaque em meio ao convívio social é a derrota na vida do homem comum, e por isso é necessário que a distinção seja buscada arduamente:

– É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os *que lá não penetram, engole-os a obscuridade*. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas<sup>6</sup>.

O pai conselheiro representado no conto “*Teoria do Medalhão*” é um homem frustrado: não conseguiu notabilizar-se como medalhão (por falta de “conselho”): “Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti.”<sup>7</sup>

Por sua vez encontramos certo tipo de frustração por não conseguir se destacar pelo bom manejo das regras do mundo está presente também na “*Carta sobre a Fortuna*”:

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só se inclinam para baixo, e para cima não se podem dirigir sem violência: tudo quanto vejo é com olhos desenganados; talvez que por isso veja as cousas como são, e não como se mostram, porque o desengano tem virtude e força para arrancar da formosura o véu caduco e mentiroso, de que o teatro da vida se compõe. A fortuna não é tão bela como parece, e creio que o Cálix da fortuna não é menos amargoso que o da desgraça.<sup>8</sup>

Num outro documento de autoria de Matias Aires, uma carta escrita ao seu filho Manoel Inácio, também é exposta a frustração de não ter tido o aconselhamento adequado para fazer as escolhas certas:

Se eu tivesse que me aconselhasse antigamente, outro galo me cantara; prodiguei o tempo naqueles ridículos estudos. Se o empregasse em outros de mais seriedade, com eles me acharia agora: ocupei-me em superfluas curiosidades; e o tempo que

<sup>6</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 95.

<sup>7</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 87.

<sup>8</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 195.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

gastei nelas foi furtado, e o que é furtado nunca luz.<sup>9</sup>

Nota-se a evidência de que a distinção opera como motor fundamental do mundo social, e que por ser ilusório, fruto da vaidade, não deixa de ser real em seus efeitos:

(...) o Autor do mundo fez ao homem sobre uma mesma ideia uniforme, e igual, e na ordem com que dispôs a natureza, não conheceu exceções, nem privilégios: nunca o homem pode ser mais nem menos do que homem; e por mais, que a vaidade lhe esteja sugerindo uns certos atributos, ou certas qualidades, que o fazem parecer maior, e mais considerável que os mais homens, essas mesma qualidades, *ainda sendo verdadeiras, ainda são imaginárias; porque também há verdades fantásticas, e compostas somente de ilusões*<sup>10</sup>.

O trecho em destaque é bem representativo da maneira como Matias Aires compreende o funcionamento do mundo<sup>11</sup>: as “verdades fantásticas” são as que compõem o teatro da vida em sociedade, mas sendo fantasiosas, nem por isso deixam de ser verdadeiras, já que os efeitos das ações que tem como base as ilusões são reais e interferem na ordem do mundo.

A sociedade é, pois, um universo artificialmente fundado, tendo por base a comunicação humana e as relações desiguais estabelecidas a partir do papel que cada homem desempenha. A diversidade é figurativa, e opera na medida em que os homens desejam se distinguir em relação aos seus semelhantes e tal distinção somente se pode verificar num universo construído artificialmente. Dessa forma, a ação humana consiste numa encenação de modelos previamente constituídos pela tradição e pelas regras de funcionamento presentes em cada nível da hierarquia social.

A constatação de que a verdade decepciona os homens funciona para o desmentido da ideia de que um mundo onde não houvesse vaidade seria poderia

---

<sup>9</sup>ERNESTO ENNES, 1944, p. 460.

<sup>10</sup>MATIAS AIRES, 2005, p. 62, grifos meus.

<sup>11</sup> Para Matias Aires não há correspondência entre mundo e natureza: o mundo é o universo social e a natureza a obra divina (onde o mundo existe); dessa forma, o mundo não é “natural”, mas um construto humano artificial, que funciona a partir de regras efêmeras que não se inscrevem na ordem da natureza.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

ser mais “virtuoso”: nada existe fora do sistema de relações estabelecidas entre os membros da comunidade, e tais relações tem como base a vaidade. Em outro trecho da carta a Manoel Inacio, Matias Aires expõe essa perspectiva:

(...) se não fores virtuoso ao menos mostra que és de alguma sorte; porque da virtude até a sombra é estimável. A hipocrisia é vicio louvável na minha opinião, porque o enganar o mundo com a capa da virtude não deixa de ser uma espécie dela; o fingir virtude não é grande mal porque nisso mesmo se reconhece seu valor, e quem a representa ainda que tome a substancia dela ao menos toma os acidentes. Há coisas tão excelentes que até a figura exterior é preciosa: a mesma pele do leão morto é respeitável e se não infunde terror pelo que é; influi algum pavor pelo que foi.<sup>12</sup>

O sujeito que abre mão do convívio social e de agir a partir da obtenção de reconhecimento pelos outros acabaria por perder sua própria identidade, tal como o personagem do conto “*O Espelho*”<sup>13</sup>. Nas *Reflexões sobre a vaidade dos homens* há um trecho em que se combinam alguns elementos das teorias esboçada no conto machadiano: “os homens mudam-se todas as vezes que se vestem; como se o hábito infundisse uma nova natureza: verdadeiramente não é o hábito que muda, muda-se o efeito que faz em nós a indicação do hábito.”<sup>14</sup>

A partir dessa perspectiva, o processo que leva a distinção sequer tem origem propriamente no sujeito, mas no efeito que seu status provoca nos demais homens, que, por sua vez, devolvem ao sujeito a aceitação do local por ele ocupado através da expectativa de que ele cumpra bem seu papel. Recebendo tal expectativa, o sujeito age “naturalmente” em correspondência com as expectativas daqueles que o rodeiam. Cabe àquele que deseja subir na hierarquia não só saber as expectativas que regem cada um dos degraus, mas, sobretudo, a maneira de manipular essas expectativas.

Na “*Teoria do Medalhão*”, o bom manejo da figura publica é indispensável ao que o autor denomina “medalhão completo”:

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu debes requestar à força de

<sup>12</sup> ENNES, 1944, p. 460. grifos meus.

<sup>13</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005.

<sup>14</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 106.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto que o atrevimento da ambição.<sup>15</sup>

Nota-se a ênfase sobre a publicidade, que traduz a efemeridade do trato social em que se preza mais a ornamentalidade que a substância das coisas. Nesse sentido, para ter sucesso (levar a bom termo a inópia mental que o filho já apresenta), é estimável que sejam cultivados lugares comuns e nenhum tipo de ideia nova. A virtude do medalhão é conseguir mover-se com destreza pelo mundo das aparências e dos ornatos, sem ter nenhum tipo de preocupação acerca daquilo que está por trás do pano do teatro do mundo. A aparente inversão operada na passagem que afirma ser o adjetivo ser o principal do idioma em detrimento do substantivo<sup>16</sup> torna-se uma definição do sistema social. Nesse modelo não há uma “verdade” obscurecida ou escondida, mas somente o jogo das aparências constituindo a alma da sociedade.

Na “*Carta sobre a Fortuna*”, obsessão pela “verdade” é retoricamente colocada como uma paixão que não é virtuosa; e é aquela é a que o autor atribui a si mesmo, e um dos motivos pelos quais se vê como não merecedor da visita da fortuna.

Nenhum fingimento pôde agradar-me nunca, nem tive arte para fingir. Mostro-me como sou e, [todo artifício serviria mais para descobrir-me, que para esconder-me. Parece que todos estão vendo como sou, e] que ainda os mesmos pensamentos se estão deixando ver pela interposta, e mal cerrada cortina do meu semblante; por isso tudo quanto digo, é o mesmo que tudo quanto penso; de sorte, que para mim não reservo nada, como se em mim não houvesse parte, que não fosse parte exterior, visível e conhecida; propendo para uma estupidez no excesso de verdade; (...) e assim sou vicioso no excesso de verdade.<sup>17</sup>

A sede da verdade é tratada como vício que impede seu autor, caso obtivesse os favores da fortuna, de aproveitá-los: “e nesta forma, todos os

<sup>15</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 93.

<sup>16</sup> “(...) tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.” MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 96

<sup>17</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 205.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

respeitos que a fortuna dá, não são capazes de atrair meu desejo; porque se a mim se dirigissem, eu os creia fabulosos.”<sup>18</sup>

Matias Aires considera-se não merecedor dos benefícios fortuna (que jamais teve, segundo o próprio), dado que nunca conseguiu seguir perfeitamente as regras convenientes a quem a fortuna graceja. E a fortuna deve laurear o merecimento, e não criá-lo.

No caso de Janjão, a fortuna e os louros de sua carreira de medalhão serão merecidos, já que ele é dotado, *naturalmente*, das características necessárias para o desenvolvimento pleno de um medalhão brilhante:

— Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofreemos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.<sup>19</sup>

Raymundo Faoro já apontava que a realidade social representada por Machado de Assis é “um tecido ondulante e caprichoso, exterior e sinistro ao destino humano”.<sup>20</sup> Nem o mundo e nem o sujeito tem uma realidade fixa, a qual é possível descobrir por meio de uma investigação profunda ou da retirada dos ornamentos e dos supérfluos: “o sujeito não apresenta uma compleição moral e

---

<sup>18</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 206. Num trecho do texto “A queda que as mulheres tem para os tolos”, Machado de Assis indica que a “toleima” é cultivada pela vida social e pela fortuna: “Todavia, como o espírito e como o gênio, a toleima natural fortifica-se e estende-se pelo uso que se faz dela. É estacionária no pobre diabo que raramente pode aplica-la; mas toma proporções desmarcadas nos homens a quem a fortuna, ou a posição social cedo leva à prática do mundo”. MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 49

<sup>19</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 88.

<sup>20</sup> FAORO, 1988, p. 495.



### **Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

intelectual completa ao longo da vida”.<sup>21</sup> Assim como em Matias Aires, o mundo moral machadiano é construído sobre a base do dinamismo incessante:

A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.<sup>22</sup>

A arte de subir os degraus da hierarquia social e conseguir o reconhecimento de todos demanda um trabalho árduo e incessante, e uma capacidade de adaptação consideráveis:

Bem sei que tudo no Mundo é transitório; porém entre as mesmas coisas que vão passando, algumas passam mais depressa do que outras: em umas há tempo de se verem, em outras não; e estas ao mesmo tempo que aparecem, desaparecem: a mesma vida é um verdadeiro trânsito, mas com certa, e determinada duração; compõe-se de um espaço incerto, e a mesma incerteza do seu espaço é o que a faz parecer durável; porque o fim que se não vê, nem se conhece, julgamos que está longe.<sup>23</sup>

### **Conclusão**

Em ambos os textos, a vaidade, apesar de não ser o assunto principal, aparece como o amálgama da sociedade. A posição ocupada por essa paixão é a de fundamento social. Contudo, em nenhum dos dois textos encontra-se uma *denúncia* desse fundamento em prol de algum outro mais “robusto”. Não existe uma forma de “verdade” fixa e imutável, de onde poderiam ser retiradas regras eternas de bom funcionamento da ordem social. Nada existe fora das relações humanas: os sujeitos não são uma essência coberta de hipocrisia no mundo social. Eles são exatamente a relação dinâmica constantemente estabelecida e reestabelecida.

Assim a representação do “eu” de Matias Aires – distante do mundo por

---

<sup>21</sup> ALVES, 2013, p. 17.

<sup>22</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 86.

<sup>23</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 202.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

não ter mais vaidade, nem amor e nem esperança<sup>24</sup> é a de alguém que está no mundo de uma maneira que é como se não estivesse:

Bem vejo, que seguindo este modo de viver estou no mundo sem saber do mundo nada; porém isso mesmo é o que eu quero, e tão regularmente, que nem quero saber o que tenho para jantar, senão depois da mesa posta. A minha curiosidade só tem por objeto a natureza, o mundo não: esse cuidado toca a quem o fez, ou o governa. A mim só me compete o ver o meu Termômetro para saber se faz mais ou menos frio, que no dia antecedente.<sup>25</sup>

Também a representação do personagem do pai conselheiro no conto machadiano é de alguém que não conseguiu a tal saída da obscuridade, e agora pretende que o filho não padeça desse mal: “Ser medalhão foi osonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti.”<sup>26</sup>

Ambos demonstram uma profunda inadaptação social não uma visão privilegiada ou mais “realista” das coisas como elas são. Não há, pois, o elogio do distanciamento daqueles que não conseguiram fazer parte da dinâmica do mundo social como sujeitos que, dada a sua grande sabedoria, se retiraram do convívio social e denunciam suas máscaras em prol da verdade. Os que não são adequados ao convívio social não são privilegiados, mas, antes, criaturas inadaptadas, solitárias e sem valor para a comunidade.

A vaidade como paixão relacional torna-se, pois, a grande responsável pelos laços comunitários. A constatação de tal fato não é feita nos moldes de uma crítica, mas como desvendamento de um mecanismo. Em ambos os textos, a vaidade não é colocada como paixão vil que desnatura os homens reduzindo-os a meros fantoches de um mundo regido pela vileza: não há uma natureza primordial para ser destruída por paixões sociais. O homem é, ele mesmo, *efeito* da grande governadora do mundo: a vaidade, responsável pela vontade de se distinguir dos outros e ser reconhecido como merecedor de tal distinção. O modo como ambos

---

<sup>24</sup> “Com o tempo perdi o amor, a vaidade e a esperança, estou pois sem esperança, sem vaidade e sem amor”. MATIAS AIRES, 2005, p. 198.

<sup>25</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 207.

<sup>26</sup> MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 86.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

os autores conseguem descrever o mundo como sendo o império da vaidade, sem, entretanto, tecer um juízo negativo acerca do seu modo de funcionamento nos remete à famosa frase atribuída a Maquiavel: “e sarà mia colpa se così è?”<sup>27</sup>. A descrição de como atuar de maneira adequada e assim conseguir galgar posições cada vez mais elevadas na hierarquia social é o legado que o pai deixa ao filho: sabendo manejar com destreza as regras reveladas qualquer um poderia tornar-se um medalhão, e por isso aquela conversa, segundo o personagem, vale mais que “O Príncipe”.<sup>28</sup>

Assim também na Carta sobre a Fortuna há a constatação de que seu autor não obteve fortuna devida à incapacidade de atuar bem diante das disposições mundanas. Os homens, caso desejem a fortuna, devem obrar para merecê-la:

E assim nada espero da fortuna, nem a fortuna de mim pode esperar nada; porque o meu talento foi discursivo sempre, operativo nunca, e a fortuna quer obras e não palavras. Quer quem pratique mais e especule menos, porque toda especulação por sim mesma é vã.<sup>29</sup>

A atuação correta no mundo social e o manejo adequado do desejo de distinção e das regras da sociedade garantem, em ambos os textos, a merecida fortuna e a vitória em sociedade – que são a distinção e a glória.

**Referências**

ALVES, Cilaine. Sem Sol nem tempestade: caracteres de Iaiá Garcia em ruína. In: *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro.v.6, n.11, junho/2013, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n11/03.pdf> (data do último acesso: 18-05-2014).

BENEDITO NUNES. *A invenção machadiana*: Alfredo Bosi se debruça sobre o

---

<sup>27</sup> Atribuída a Maquiavel por Stendhal em epígrafe ao capítulo IV de “O Vermelho e o Negro”. STENDHAL, 2006, p. 33.

<sup>28</sup> “Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe* de Machiavelli. Vamos dormir.” MACHADO DE ASSIS, 2005, p. 98

<sup>29</sup> MATIAS AIRES, 2005, p. 198

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

enigma da obra de Machado de Assis. Folha de São Paulo, 10 de Julho de 1999. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs10079913.htm> (data do ultimo acesso: 18-05-2014).

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COSTA LIMA, Luiz. *Sob a Face de um Bruxo*. In: *Dispersa Demanda – ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ENNES, Ernesto. *Dois Paulistas Insignes: José Ramos da Silva e Matias Aires Ramos da Silva de Eça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

FAORO, Raymundo. *A Pirâmide e o Trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

HENAUX, Victor. *Queda que as Mulheres tem para os Tolos*. Tradução de Machado de Assis; estabelecimento do texto: Ana Claudia Suriani da Silva. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

LA ROCHEFOCAULD. *Reflexões e Máximas Morais*. São Paulo: Editora Cultrix, 1962.

MACHADO DE ASSIS. *Papéis Avulsos*. (Ed. Preparada por Ivan Teixeira.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis – algumas notas sobre o humour*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacintho Silva, 1912.

MATIAS AIRES. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

STHENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. São Paulo, Cosac Naif, 2010.

Ana Cristina Comandulli é doutora em Literatura Comparada - Estudos de Literatura pela UFF (2014), com tese intitulada *Presença De A.F. De Castilho Nas Letras Oitocentistas Portuguesas: Sociabilidades E Difusão Da Escrita Feminina*; membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, onde desenvolve pesquisa sobre impressos oitocentistas luso-brasileiros e literatura portuguesa oitocentista. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: ana.comandulli@gmail.com